

## Concepções de alunas surdas de uma instituição pública federal acerca do ensino e da aprendizagem de inglês na modalidade escrita

Matheus Lucas de Almeida <sup>1</sup>

### RESUMO

O ensino de línguas adicionais para surdos tem sido uma temática cada vez mais presente na agenda da academia, contexto no qual, para além do português, outras línguas entram em jogo, como a língua inglesa, tendo em vista que essa tem sua obrigatoriedade indicada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todavia, lacunas ainda são presentes e é necessário que mais investigações acerca das praxiologias referentes ao ensino e a aprendizagem de inglês para alunos surdos sejam realizadas. Por acreditar que a opinião dos alunos é essencial quando realizamos reflexões praxiológicas na área da educação, nesse estudo, tenho como objetivo principal analisar a opinião de quatro alunas surdas do ensino médio de um instituto federal bilíngue acerca de suas concepções referentes ao ensino e a aprendizagem da língua inglesa na modalidade escrita. Os dados foram coletados, durante a pandemia da Covid-19, após um semestre letivo no qual as alunas tiveram aulas de inglês online com foco no desenvolvimento da escrita. O estudo é qualitativo (Triviños, 1987) e autores como Johnson (2004), Moraes (2012, 2018), Grosjean (2010) e Almeida (2021, 2023) ajudam a embasar as discussões. Os dados foram coletados com o suporte de um questionário, no Google Forms, com perguntas semiestruturadas que versavam sobre significados, motivos, crenças e valores referentes ao ensino e a aprendizagem do inglês na modalidade escrita por alunos surdos. Os resultados demonstram que há interesse por parte das alunas surdas em aprender inglês e que a modalidade escrita é a ideal a ser ensinada para elas, contexto no qual as metodologia e materiais utilizados são essenciais para que elas se sintam mais engajadas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Inglês, Surdos, Ensino, Aprendizagem, Escrita.

### INTRODUÇÃO

As pesquisas no âmbito da educação de surdos têm crescido nos últimos anos e sinalizado novas demandas no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem desses sujeitos. Contexto no qual passou-se a refletir não mais se, mas como ensinar línguas adicionais, para além do português, para alunos surdos. Assim, um novo paradigma se iniciou no que diz respeito ao ensino de inglês para esses sujeitos, tendo em vista que, além da obrigatoriedade de o ensino dessa língua ser assegurado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017, 2018), entende-se a relevância que o ensino de inglês pode ter na vida dos sujeitos, tendo em vista que ele pode possibilitar intercâmbios linguísticos e socioculturais entre indivíduos de diferentes partes do mundo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e professor adjunto do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: [matheus.lukas.a@gmail.com](mailto:matheus.lukas.a@gmail.com)

Os desafios de se ensinar inglês para surdos foram intensificados durante os anos 2020-2021 quando a pandemia do coronavírus assolou o mundo e, devido ao ensino remoto emergencial, as escolas tiveram que readaptar suas formas de ensinar (Cani *et al*, 2020). Nesse contexto, tive a oportunidade de atuar como professor substituto de língua inglesa no primeiro instituto federal com campus bilíngue (português/Libras) do país, Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Palhoça Bilíngue (doravante IFSC). Nele, existe um currículo pensado com vistas a trazer, ao cenário brasileiro, experiências de ensino, pesquisa e extensão, que possibilitem uma efetiva interação entre surdos e ouvintes no campo educacional e profissional. Na instituição, há turmas de alunos surdos e alunos ouvintes, tendo os estudantes surdos a opção de estudar em turmas apenas com alunos surdos ou mistas. No IFSC, existem professores bilíngues que lecionam seus conteúdos na língua brasileira de sinais (Libras) e outros que lecionam com o suporte de um tradutor e intérprete de Libras e português (TILSP).

Assim como grande parte das instituições de ensino do país, o IFSC adotou o ensino remoto emergencial para minimizar o impacto da covid junto à comunidade acadêmica. Dessa forma, durante o período da geração dos dados desse estudo, as aulas ocorriam de modo síncrono (via Google Meet) e assíncrono (com vídeos e materiais disponibilizados no Moodle e Google Classroom). Ainda que a BNCC (Brasil, 2017, 2018) indique o uso de tecnologias no processo de ensino, essa ainda não era uma realidade concreta em diversas instituições do país, o que tornou ainda mais desafiador a implementação do ensino remoto emergencial, principalmente, para os profissionais da educação que lidam com alunos surdos devido às especificidades linguísticas desses estudantes.

Atualmente, um dos maiores desafios na educação de surdos no Brasil é o fato de eles possuírem como língua de conforto uma língua visual espacial, a Libras, e a língua portuguesa - a que comumente utilizamos em nosso país - ser uma língua oral-auditiva (Almeida, 2023). Dessa forma, como orienta Grosjean (2010), o uso da língua de sinais em sala pode ajudar em diversos momentos, a saber: para esclarecer dúvidas, explicar atividades, realizar o resumo de textos e histórias, realizar explicações metalinguísticas etc. Logo, ao se ensinar línguas adicionais para alunos surdos, é importante que sua língua natural, a língua de sinais, seja respeitada e considerada, ou seja, os profissionais inseridos nesses espaços precisam ter conhecimento das línguas utilizadas em sala; o que, como pontua Moraes (2018), muitas vezes não ocorre.

Nesse sentido, o TILSP será o profissional que facilitará a comunicação entre o surdo e seus pares ouvintes em sala de aula. Todavia, estamos falando de um profissional que, muitas vezes, possui apenas formação em nível técnico em tradução e interpretação Libras/português,

ou até mesmo em cursos livres com carga horária de 180 horas, e que necessita traduzir e interpretar conteúdos de diferentes disciplinas do currículo escolar (Almeida; Moraes, 2024). Dessa maneira, muitos desses profissionais não possuem uma formação que atende às demandas da escola (Fernandes; Moreira, 2014) e, no caso da disciplina de inglês, os TILSP precisam realizar a tradução e interpretação de conteúdos de/para uma terceira língua, o inglês; o que é ainda mais desafiador (Almeida, 2023, Almeida; Moraes, 2024). De acordo com Almeida (2021), esses desafios foram ainda mais intensificados durante a pandemia da covid 19, devido às diversas barreiras tecnológicas inerentes ao processo.

Como é possível observar, diversas nuances são presentes no processo de ensino e de aprendizagem de línguas para surdos, sejam elas de sinais ou do inglês na modalidade escrita, e a crença de que esses sujeitos não são capazes de adquirir outras línguas ainda persistem (Moraes, 2012; 2018), ainda que estejamos caminhando para a modificação desse paradigma. Inclusive, as demandas da sociedade têm sinalizado cada vez mais a importância do aprendizado de outras línguas para além da Libras e da língua portuguesa (Coura, 2022).

Levando tais fatores em consideração, esse estudo tem como objetivo analisar a opinião de quatro alunas do ensino médio de um instituto federal bilíngue acerca de suas concepções referentes ao ensino e a aprendizagem da língua inglesa na modalidade escrita. A pesquisa se justifica, pois analisar as opiniões desses estudantes poderá possibilitar que professores de inglês e TILSP que possuem alunos surdos reflitam acerca de suas praxiologias. Ao protagonizarem as discussões acerca de suas narrativas no ambiente escolar, os surdos podem oferecer insumos valiosos para a construção de um contexto educacional verdadeiramente inclusivo no qual o ensino de inglês, também, é pensado para esses sujeitos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa trata-se de um estudo qualitativo descritivo e segue as orientações de Triviños (1987). Para a geração dos dados, após um semestre letivo no qual lecionei inglês, com foco na modalidade escrita, para uma turma do Ensino Médio de surdos do IFSC, solicitei que as alunas respondessem a um questionário no Google Forms, com o objetivo de compreender as percepções delas acerca do que funcionou ou não ao longo do semestre nas aulas de língua inglesa. O questionário foi composto por questões semiestruturadas que versavam sobre significados, motivos, crenças e valores (Triviños, 1987) referentes ao ensino e a aprendizagem do inglês na modalidade escrita por alunos surdos. Todos as participantes

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - que explicava os riscos, objetivos e justificativa da pesquisa - concordando com a participação no estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção trago as considerações de quatro alunas surdas, matriculadas no Ensino Médio do IFSC, acerca de suas concepções relacionadas ao ensino e à aprendizagem do inglês. À esquerda do quadro 1, encontram-se as perguntas disponibilizadas via Google Forms para as alunas e à direita as suas respectivas respostas. Com o objetivo de preservar a identidade das participantes, elas são nomeadas como Aluna 1, Aluna 2, Aluna 3 e Aluna 4. As respostas das alunas foram transcritas tal qual elas responderam e não foram realizadas correções linguísticas ou ajustes.

Quadro 1 – Percepções das alunas surdas acerca do seu processo de ensino e de aprendizagem do inglês

PERGUNTAS	ALUNA 1	ALUNA 2	ALUNA 3	ALUNA 4
Há quanto tempo você estuda inglês na escola? Você acredita que conseguiu aprender muita coisa nesse período?	Desde o ensino fundamental, algumas coisas não consegui aprender da minha antiga sala com inclusão (muitos ouvintes e eu era única surda) porque o professor ensinou mais diferente.	Estudo 6 anos, mas não consegui memorizar por conta das aulas serem poucas.	Acho q estou aprendendo inglês desde o 6 ano, e acredito que vou aprender nesse período.	Antes entrar do ifsc, aprendi pouco a pouco e não estava aprendendo direito. Depois entrar do ifsc, a turma dos surdos com o professor ensina com detalhes (imagens, palavras com imagens, etc...), nós entendemos bem claro e aprendemos muito.
O que você acha mais fácil e mais difícil nas aulas e quando está estudando inglês?	Antes entrei no IFSC, quase não aprendi por causa da falta de esclarecimento. Agora eu estudei aula de Inglês no IFSC, já estou aprendendo cada passo a passo e já consigo aprender melhor.	Depende do conteúdo da aula, pois, com os surdos é mais fácil serem adaptado e com mais facilidade em aprender.	Acho difícil escrever e ler em inglês.	Acho mais fácil como as aulas com imagens, palavras significadas, ler o texto em inglês para praticar, e outros. Nós surdos temos dificuldade somente o texto, atividades sem imagens, palavras significadas para explicar...
Você faz comparações entre o português e o inglês? Por quê?	Não compareci. Para mim, o português e o inglês tem diferença, mas não compareci.	Eu já fiz, há muita diferença entre o português e o inglês, por conta do português ter regras do verbo, o inglês não há verbos e é um grande diferença entre os dois.	Sim, acho inglês muito difícil.	Ambos são muito diferentes, mas tem uma coisa é igual, por exemplo, professor(a) de português ensina os verbos, palavras, entre outras. De inglês, mesma coisa que ensina verbos, palavras, textos...

PERGUNTAS	ALUNA 1	ALUNA 2	ALUNA 3	ALUNA 4
Você usa alguma estratégia para realizar as atividades propostas nas aulas de inglês? Se sim, quais?	Uso a tradução do Google qualquer a palavra ou como escrever a frase (em inglês) que não sei traduzir, e também dicionário. (Acho é muito necessária a ter dicionário).	Receio que não utilizo.	Não.	Uso para pesquisar a palavra significada ou alguma frase em inglês, também o dicionário de inglês, se não conheço e vejo imagem, ou seja, guardo a dúvida e pergunto para o professor da aula dele.
Como você acha que seria a melhor forma de aprender inglês para você?	O professor de inglês ensina bem, teve estratégia muito boa para ensinar por mim e os alunos, nada o que seria a melhor forma.	Com mais facilidade em entender o conceito, depende das pessoas tem diferentes formas de aprender.	Acho que seria melhor aprende de tivesse um intérprete.	Isso não sei explicar. Depende de quem ensina melhor a forma por esclarecer o entendimento.
O que você acha do aprendizado da escrita em língua inglesa? O que é mais difícil e fácil na sua opinião?	Escrever em língua inglesa é quase difícil, mas precisa treinar para escrever mais e se acostumar. Eu escrevi em língua inglesa, algumas vezes errei pois não estava acostumada e depois tentei me acostumar a escrever e já estou acostumando ainda.	O mais fácil é utilizar o método de treinar com os textos e depois a atividade, o mais difícil é ler os textos sem nenhuma atividades.	Acho q fácil palavras sem ser conjugadas	Sem praticar o texto em inglês e teria mais difícil de escrever em língua inglesa. Por isso deveria praticar o texto em inglês e ajuda muito se lembrar.. Aprendi com o professor de Inglês.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo como o relato da Aluna 1, ela tem aulas de inglês desde o Ensino Fundamental, mas afirma ter aprendido "*algumas coisas*" devido ao fato de o seu professor ter ensinado "*mais diferente*". A resposta da aluna sugere duas possibilidades, 1) o professor pode ter utilizado diferentes metodologias com o objetivo de proporcionar um aprendizado mais significativo para ela ou 2) ela apenas aprendeu algumas coisas, pois não havia adaptações para ela em sala de aula, o que não possibilitou o seu desenvolvimento linguístico no inglês. De acordo com o relato da Aluna 2, o quantitativo de aulas de inglês foi insuficiente para que ela se desenvolvesse mais. Essa problemática já foi mencionada por mim em trabalhos anteriores (Almeida, 2021, 2023), quando pontuei que o tempo para os professores de língua inglesa em sala de aula, normalmente, é menor que das outras disciplinas, o que faz com que seja bastante complexo para o professor, em um contexto educacional que - diretamente ou indiretamente - é bastante conteudista, dar conta das diversas demandas que permeiam a sala de aula.

A aluna 3, também, iniciou os estudos de inglês no 6º ano do Ensino Fundamental e, após as nossas aulas, disse acreditar que aprenderia mais naquele período. A aluna 4 afirma ter aprendido pouco antes de entrar no IFSC, mas que sua experiência na instituição tem sido bastante positiva. Ela menciona, inclusive, que o uso das estratégias utilizadas ao longo do semestre - que exploram a visualidade e o uso dos gêneros - ajudaram bastante nesse processo. O relato da Aluna 2 confirma que é imprescindível que os professores de inglês que possuem alunos surdos sejam atentos às especificidades desses estudantes e utilizem estratégias e metodologias que facilitem o processo de aprendizado deles (Almeida, 2023). Nesse sentido, é extremamente importante que as instituições e órgãos públicos planejem e invistam na formação dos professores, seja ela contínua ou inicial, levando em consideração as diferentes especificidades do seu alunado.

Ainda que implícito, a aluna 1 menciona que as metodologias utilizadas com ela naquele semestre, que exploravam a visualidade e eram baseadas no ensino através de gêneros, ajudaram a aprender a língua inglesa; o que confirma o aspecto positivo de utilizar a abordagem baseada em gêneros proposta por Johnson (2004). Além disso, outro aspecto importante é o fato de os materiais terem sido adaptados de acordo com as necessidades da turma, nesse caso, uma turma na qual todos os alunos eram surdos. A aluna 2 menciona, inclusive, que o fato de estar uma turma de apenas alunos surdos, na qual as metodologias eram pensadas para esse grupo, demonstra que o ensino baseado no bilinguismo para surdos é a perspectiva mais ideal, como apontado por Quadros (2007), Grosjean (2010), Moraes (2012, 2018), Piconi (2019), Almeida (2021, 2023). Todavia, é importante, também, que esses alunos possuam contato com pares ouvintes e que explorem outras possibilidades sociais (Almeida, 2023).

A aluna 3 menciona que acha difícil ler e escrever em inglês, ainda que essa seja a modalidade ideal a ser ensinada, pois ela respeita as especificidades linguísticas dos surdos. A aluna 4 reitera o que foi dito pela Aluna 1 e confirma que o ensino com o suporte de imagens e que explora o significado dos termos utilizados com a tradução, também contribuíram positivamente para o seu aprendizado. Ainda assim, a Aluna 4 menciona que possui dificuldade com textos, o que pode ser reflexo de um ensino que, por muito, simplificou e ensinou inglês para esses sujeitos - e por vezes até o português - com base em frases descontextualizadas e decorebas gramaticais que não refletem o uso real da língua. É importante que, para além de explorar aspectos mais simples da língua inglesa, explore-se o texto em uso em variados gêneros do discurso (Johnson, 2004), pois isso permitirá que o aluno tenha acesso a língua de maneira mais autêntica e eficaz. Inicialmente, isso pode ser desafiador para os alunos, mas é

possível utilizar textos menores para que eles possam se acostumar e, ao longo do tempo, inserir materiais mais robustos para esses estudantes.

A Aluna 1 afirmou não realizar comparações entre o português e o inglês, pois são línguas que possuem diferenças. A Aluna 2, por sua vez, afirma já ter realizado diferenciações entre as línguas e que identificou que "*há muitas diferenças*". Todavia, ela menciona, equivocadamente, que no inglês não há regras nos verbos, diferente do português. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de, no inglês, os verbos regulares no passado simples (um dos conteúdos que estudamos) terem a mesma conjugação para primeira, segunda e terceira pessoa do singular e plural. De toda forma, a resposta da Aluna 2 confirma que os alunos surdos realizam comparativos entre as línguas, ainda que de modo generalista. A Aluna 3 afirmou que o inglês é muito difícil, já a Aluna 4 pontuou que o inglês e português são diferentes, mas que há coisas similares, como o fato dos professores de inglês e português ensinarem "*verbos, palavras, textos*".

Ao ser questionada acerca do uso de estratégias para realizar as atividades da disciplina de inglês, a Aluna 1 afirmou que utiliza o Google Tradutor quando possui dúvidas sobre algum léxico ou em como formar uma determinada frase, o que comprova o aspecto positivo do uso de tecnologias no ensino de inglês para surdos (Almeida, 2021, 2023). Além disso, a aluna menciona que acha "*muito necessária [SIC] a ter um dicionário*". Isso sinaliza que, apesar de ser um elemento que muitos acreditam estar ultrapassado, o dicionário pode trazer retornos positivos para os alunos surdos. Inclusive, a Aluna 4 também pontuou que busca no dicionário termos que não conhece em inglês e, ao não conseguir encontrar a resposta ou ter alguma dúvida, ela pergunta ao professor. Esse movimento realizado pela Aluna 4 é muito interessante e deve ser incentivado, tendo em vista que ela busca sanar as suas dúvidas e investigar antes de perguntar ao professor. Obviamente, nós, professores, devemos estar à disposição para sanar as dúvidas do alunado, todavia, instigá-los a buscar respostas por conta própria ajuda a emancipar os alunos e a promover mais autonomia e criticidade neles. As Alunas 2 e 3 afirmaram não utilizar nenhuma estratégia.

Quando questionadas acerca da melhor forma de aprender inglês, a Aluna 1 mencionou que as estratégias utilizadas ao longo do semestre foram boas e que nada melhor poderia ser feito. A Aluna 2 mencionou que as pessoas aprendem de formas diferentes, mas que o uso da adaptação ajuda o aluno surdo a aprender melhor. A Aluna 3 mencionou a importância da presença do TILSP e a Aluna 4 disse que tudo depende da forma que se ensina e de como se esclarece o conteúdo.

Em relação às suas dificuldades e facilidades com o aprendizado do inglês na modalidade escrita, a Aluna 1 mencionou que por considerar ser uma prática "*quase difícil*", é importante

"*treinar para escrever mais e se acostumar*", isso sinaliza que o estímulo a prática, como foi realizado por mim ao longo do nosso semestre, pode contribuir positivamente para o desenvolvimento da escrita dos alunos. Inclusive, a Aluna 1 relata que: "*eu escrevi em língua inglesa, algumas vezes errei pois não estava acostumada e depois tentei me acostumar e já estou acostumando ainda*". Assim, além de incentivar e propor atividades que estimulem a escrita dos alunos, é essencial que essas atividades sejam condizentes com a realidade deles. Com a turma do presente estudo, por exemplo, foi aplicada a abordagem proposta por Johnson (2004) que baseia o ensino no uso de gêneros do discurso, considera a realidade sócio-histórica dos sujeitos e busca trazer para a sala de aula aspectos que sejam presentes na vida desses estudantes. No caso dos estudantes surdos sinalizantes, a exploração da oralidade ou audição não ocorre em classe, tendo em visto que explorar esses aspectos é desrespeitar as especificidades linguísticas desses sujeitos. Logo, é de extrema importância considerarmos o que fará sentido de ser aprendido por esses sujeitos.

A Aluna 2 também menciona a importância do treino da escrita como um elemento para melhorá-la e acrescenta ser importante que os textos utilizados em classe tenham atividades relacionadas a ele. A Aluna 2 menciona isso, pois as atividades realizadas naquele semestre exploravam os aspectos linguísticos (léxico, gramática e vocabulário) com o suporte dos gêneros do discurso. Os alunos não eram expostos a uma lista de palavras aleatórias ou a aspectos descontextualizados da língua, mas a materiais que traziam aspectos morfosintáticos da língua contextualizados em gêneros do discurso.

Naturalmente, no início foi desafiador e as estudantes apresentaram algumas dificuldades devido ao fato de não estarem acostumados com esse tipo de prática, mas, ao final do semestre, foi possível comprovar resultados positivos, como é possível observar no relato da Aluna 2. A Aluna 3 menciona achar difícil a conjugação das palavras em inglês e a Aluna 3 reitera a importância da prática para o aprendizado do inglês e menciona ter aprendido essa estratégia naquele semestre com o auxílio do professor de inglês, o que sinaliza a importância de estarmos constantemente estimulando nossos alunos para que se sintam encorajados a desbravar as possibilidades existentes na língua inglesa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo teve como objetivo analisar a opinião de quatro alunas do Ensino Médio de um instituto federal bilíngue acerca de suas concepções referentes ao ensino e a aprendizagem da língua inglesa na modalidade escrita. Apesar da limitação existente devido ao



tamanho do corpus deste estudo, com base nos relatos das alunas, é possível perceber que há interesse por parte das surdas em aprender a língua inglesa, e a modalidade escrita é a ideal a ser explorada nesse processo. Além disso, algumas estratégias e metodologias foram apontadas como positivas por parte das alunas, a saber: exploração da visualidade, realização de adaptações em materiais didáticos que são pensados para uma realidade ouvinte, e o uso da escrita como mecanismo para o aprendizado do inglês.

Além disso, as alunas mencionaram que o exercício da constante prática da escrita ajuda no desenvolvimento linguístico do inglês, o que sinaliza a importância de que os professores de inglês busquem estimular seus alunos com o suporte de diferentes atividades de escrita. Ademais, o uso da abordagem proposta por Johnson (2004) que utiliza os gêneros como base para o ensino e considera a realidade sócio-histórica dos sujeitos parece ser uma boa alternativa para o ensino de surdos.

As alunas mencionaram haver algumas dificuldades no processo de aprendizado, principalmente, quando precisaram lidar com textos mais longos, o que sinaliza que as atividades precisam ser adaptadas de modo a não desmotivar o alunado sem, contudo, deixar de proporcionar que esses estudantes expandam o seu conhecimento. Uma possibilidade que pode ser aplicada é utilizar textos menores e aumentá-los progressivamente, mostrando aos alunos que eles, sim, são capazes de ler e escrever em inglês. Naturalmente, esse processo é permeado de desafios, mas acredito que, com os estímulos, adaptações e materiais adequados, os alunos surdos se sentirão engajados a praticarem e utilizarem a língua inglesa ao máximo.

## AGRADECIMENTOS

Às participantes da pesquisa que muito me ensinaram e me ajudaram a ressignificar minha prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; MORAES, A. H. C. Prácticas de traductores e intérpretes de libras-portugués en clases de inglés durante la pandemia del Covid-19. **Fórum Linguístico**, v. 20, p. 9664-9676, 2024.

ALMEIDA, M. L. **TDIC no ensino de língua inglesa**: possibilidades na educação de surdos. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

ALMEIDA, M. L. **Writing in English**: tecendo reflexões acerca do ensino e da aprendizagem de inglês para surdos. (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 02 dez 2020.

CANI, J. B.; SANDRINI, E. G. C.; SOARES, G. M.; SCALZER, K. Educação e COVID-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem -prioritariamente- pelas TDIC. **Revista IFES Ciência**, v. 6, p. 23-39, 2020.

COURA, F. A. **Ensino de Inglês Mediado pela Língua de Sinais**. In: RIBEIRO, Fernanda. Práticas de ensino de inglês. v. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educ. rev.**, n. 2, p. 51-69, 2014.

GROSJEAN, F. **Bilingual: Life and Reality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.

JOHNSON, M. **A philosophy of second language Acquisition**. London, Yale University Press, 2004.

MORAES, A. H. C. **A triangulação Libras-português-inglês: relatos de professores e intérpretes de Libras sobre aulas inclusivas de língua estrangeira**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

MORAES, A. H. C. **Descrição do desenvolvimento linguístico em língua inglesa por seis surdos: novos olhares sobre o processo de aquisição de uma língua**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

PICONI, L. B. A educação de surdos como uma importante esfera das Políticas Linguísticas para a Língua Brasileira de Sinais: o Decreto no 5.626/05 em foco. **Revista Educação Especial**, vol. 32, 2019, p. 1-28.

QUADROS, R. M. Políticas Linguísticas e a Educação de Surdos no Brasil. **V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional do INES**, 2006, Rio de Janeiro. Anais do Congresso: Surdez, família, linguagem e educação. Rio de Janeiro: INES, 2007. v.1. p. 94-102.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.